

Carlos Hasenbalg

por LIVIO SANSONE | Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil

E' com muita dor que comunico que no domingo dia 5 de outubro faleceu em Buenos Aires Carlos Hasenbalg. Sociólogo, renovador dos estudos sobre discriminação racial e desigualdades, professor do IUPERJ (Rio de Janeiro) e diretor do Centro de Estudos Afro-Asiáticos da UCAM (Universidade Cândido Mendes) no Rio e editor da revista Estudos Afro Asiáticos de 1986 a 1996. Aliado, companheiro e amigo das lutas antirracistas. Carlos deu início a uma nova abordagem das relações e hierarquias raciais no Brasil, e chegou a influenciar também pesquisadores em outros países de nossa região. Salientando que o racismo pode sim ter uma das suas origens na escravidão, mas que exatamente as condições da modernidade e da industrialização do mercado de trabalho teriam criado novas formas de racismo, sua obra pioneira *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*, publicado originalmente em 1979, deu origem àquele que rapidamente foi se configurando como um paradigma de interpretação desta dimensão determinante da realidade brasileira. Diferente de outros pioneiros nas ciências humanas, Carlos nunca reivindicou este lugar para si, mas quis compartilhá-lo com a nova leva de pesquisadores, em sua grande maioria engajados e negros, que nas ideias dele identificavam um grande poder de ruptura da ordem acadêmica constituída. A Universidade no meado dos anos de 1980, no começo da redemocratização, não era lugar para se falar de racismo no Brasil, e menos ainda era um lugar para a promoção da inclusão de intelectuais e pesquisadores negros à sociedade. Discordando radicalmente com esta tradição Carlos Hasenbalg, sem nunca cair no panfletismo, fez do CEAA um espaço de formação e promoção de uma nova geração de pesquisadores negros. Também nisto ele ficará inesquecível. Carlos sempre juntou severidade e busca de excelência com

irreverencia e auto-ironia, na melhor tradição do humor portenho. E quando o paradigma se afirmou — com a aceitação da existência de uma sensível divisão em termos de presença no mercado de trabalho entre brancos e não brancos como importante categoria analítica por parte do IPEA, instituto de pesquisa da Presidência da Republica, e adoção de políticas de ação afirmativa por parte do governo federal — Carlos resolveu passar o estandarte aos mais jovens. Insistiu em dizer que, agora, era o momento de outros falarem contra o racismo. E voltou para sua Buenos Aires, deixando muito de nos afonos e sem sua guia. Carlos não queria ser protagonista, preferia ser observador e formador: um verdadeiro professor. Que suava para preparar meticulosamente suas aulas e gostava de ordem, disciplina e método em seu trabalho — um frase que tinha aprendido em sua passagem pelo colégio militar quando jovem e que ele ironicamente me repetia um tanto quanto obsessivamente nas muitas e longas conversas de botequim que tivemos. Carlos deixa um vazio grande. Temos que nos esforçar para preenche-lo, com a generosidade, o altruísmo e a tolerância que caracterizaram o grande Carlos Hasenbalg. Carlos doou ha poucos anos a biblioteca dele para a biblioteca do Ceao/UFBA. Tínhamos planos para convidá-lo para uma homenagem aqui em Salvador. Eu, ademais, perco um grande amigo, companheiro de conversas e navegações. Mestre e amigo. ■